

Ferragens de Portas Primitivas e Vernáculas

Linda Hall

Tradução por António de Borja Araújo, Engenheiro Civil, I.S.T.

As ferragens são de uma vital importância para que uma casa antiga conserve o seu carácter. As ferragens primitivas e vernáculas, em especial, têm um charme único e um interesse que é produto da sua manufactura, do seu estilo e da sua ornamentação, bem como da sua idade. A sua remoção ou substituição por reproduções tem como consequência numa casa uma sensação imediata de moderno ou de falso, mesmo que as suas paredes e telhado tenham centenas de anos de idade.

As ferragens primitivas de portas e de janelas eram trabalhadas à mão pelo ferreiro local, a partir de ferro forjado, e eram pregadas com pregos de ferro também feitos à mão. A madeira também era usada para se fazerem puxadores de portas, trincos e trincos de fechos. Existem centenas de variações aos desenhos básicos usados e, sendo feitas à mão, cada uma é única.

PUXADORES E TRANCAS DE PORTAS

Os puxadores de portas têm duas formas básicas, a aldraba (Figura 1) e o puxador "vertical". As aldrabas eram fixadas ao trinco existente no outro lado da porta, por uma peça recta em ferro, através dessa porta. Esta peça operava como um eixo, passando pelo espelho, através de um furo na porta e, depois, através do próprio trinco, onde os seus topos eram revirados (Figura 2) para que uma pequena rotação da aldraba levantasse o trinco para fora da sua chapa de espera.



Figura 1. Uma elegante aldraba medieval com chapa de fixação decorativa, na Igreja de St. Mary, em Lenham, Kent. As aldrabas como esta estão normalmente fixadas directamente a um trinco que abre ao mesmo tempo que a aldraba (ver a Figura 2). Reparar na fina chapa de metal e nos pequenos pregos / furos de pregos que distinguem claramente os dispositivos originais do século XVII das imitações posteriores, e os pregos feitos à mão originais na própria porta.

As aldrabas são certamente mais antigas do que os puxadores verticais; muitas portas de igrejas conservam exemplos medievais. Elas foram usadas até aos finais do século XVII nas casas vernáculas e a pesada argola da aldraba era geralmente configurada com a forma de um simples mas elegante estribo ou de um coração. Na tradição medieval, os espelhos eram frequentemente mais decorativos, com deliciosos padrões simétricos, geralmente de formas circulares ou de diamante.



Figura 2. Este trinco típico do século XVII está directamente fixado a uma aldraba do outro lado da porta. Os dois topos cortados do eixo que liga a aldraba ao trinco podem ser vistos facilmente a sobressaírem através do furo no centro de rotação à esquerda, onde ele foi dobrado para se cravar no trinco. Reparar na cruz de Santo André gravada e na linha decorativa.

Os puxadores de porta verticais, vulgarmente referidos como "*Norfolk latches*" ou "*Suffolk latches*"¹, podem assumir uma grande variedade de formas. A mais simples consiste num puxador de secção plana, cujos topos se expandem em chapas decorativas pelas quais são fixados às portas (Figura 3). Não se sabe quando é que este desenho foi inventado, mas ele banalizou-se durante o século XVII e durante grande parte do século XVIII. Os exemplos mais tardios têm topos de chapa muito grandes em forma de folhas vegetais. Alguns puxadores verticais para portas incorporam um grande espelho rectangular, frequentemente muito decorativo, com o manípulo de secção aproximadamente circular forjado contra si. Ambos estes tipos de puxador vertical operam o trinco por meio de uma chapa de polegar agarrada a uma barra de ferro que passa através da portas e que eleva o trinco. Este mecanismo também pode ser visto, feito em madeira, numa casa em Guernesey e em outras em East Sussex.



Figura 3. Um puxador de porta "vertical" do século XVII na Igreja de St. Wenna, em Morval, Cornwall, que tipifica um dos desenhos mais vulgares que se encontra em incontáveis casas de lavoura por todo o campo. Reparar da decoração em Cruz de Santo André.

A decoração mais vulgar do próprio puxador é uma indentação simples ou dupla em redor do centro, mas alguns exemplos estão decorados com padrões simples ou com linhas gravadas tais como a cruz de Santo André, que se vê na Igreja de Morval na Cornwall (Figura 3). Puxadores mais elaborados costumam indicar datações de finais do século XVIII, do século XIX ou do século XX.

O trinco consiste numa barra horizontal correndo dentro de uma fixação vertical, estando a chapa de espera agarrada ao aro da porta. Por vezes sobrevivem velhas chapas de espera, mesmo quando a porta original já foi substituída, mas são frequentemente desprezados. As chapas de espera podem ser bastante decorativas; alguns exemplos dos séculos XVII e XVIII têm corpos retorcidos e topos aguçados.

Os trincos são frequentemente decorados com uma cruz de Santo André gravada na extremidade, por vezes com linhas verticais de ambos os lados, e o suporte vertical também pode ser

¹ N.T. – "Trincos de Norfolk" ou "Trincos de Suffolk".

Ver imagens, respectivamente, em <http://www.horton-brasses.com/products/handforgediron/norfolk/96> e em <http://www.ryelund.co.uk/html/shop/latches/Latches.htm>

decorado com chanfres e recortes estreitos. O topo do eixo de rotação do trinco é, geralmente, rebatido ou forma uma cabeça redonda, mas pode ser mais elaborado. Alguns trincos são conjuntos mais complexos, apresentando um espelho decorativo e um mecanismo de mola. No século XVIII era vulgar encontrarem-se trincos em ferro forjado fixados a um espelho rectangular chato e operados por um puxador de latão em forma de maçaneta. Alguns têm uma mola de ferro e podem incorporar um rebite. As casas mais sofisticadas do século XVIII têm puxadores de aldraba em latão e um tipo mais moderno de trinco de armilhar contido na espessura da porta.

Os trincos e as chapas de espera em madeira são quase impossíveis de datar; o seu desenho pode recuar até aos tempos medievais mas é improvável que exista algum mais antigo do que o século XVII e muitos podem ser bastante mais modernos. Este tipo era muito popular no movimento *Arts and Crafts*. Eles podem ser operados, ou por um cordão ou por uma tira de cabedal que passa através da porta por cima do trinco, ou por um furo para dedo situado por baixo daquele. No Sussex é vulgar uma tranca de levantar em madeira, e pode ser encontrada ocasionalmente uma grande variedade de outros mecanismos. Algumas portas também têm um puxador em madeira, usado para manobrar a porta, que consiste num rectângulo liso ou decorado projectado em ângulo para fora da porta.

DOBRADIÇAS

As dobradiças de leme comprido ² são uma das mais proeminentes formas de ferragem e as suas extremidades eram muitas vezes deliciosamente decoradas de uma maneira vernácula, sendo os desenhos mais comuns as pontas de lança, os caracóis ou corações duplos, e a flor de lis, mas algumas eram mais simples. Muitos exemplos sobreviveram desde o período medieval até hoje.

A maioria das dobradiças de leme comprido mais antigas era fixada por uma dobra de cada dobradiça em redor de um fiel em ferro (uma simples cavilha em forma de L) aplicada na ombreira da porta (a peça ou moldura na qual esta está montada). A dobra era produzida enrolando-se o topo da dobradiça sobre si própria, ou dobrando-a em volta da aresta da porta. A partir do século XVII também passa a ser usada a dobradiça em T nas portas interiores; esta dobradiça é montada na moldura da porta por uma chapa vertical de base, que podia ser um simples rectângulo (desde finais do século XVII em diante), ou que podia ter uma forma mais decorativa (a partir de cerca de 1675). No século XVIII foi usada uma forma muito uniformizada de dobradiça em T, que estreitava até formar um final extremamente fino com um pequeno remate de topo redondo. Apesar deste desenho corrente, elas ainda eram produzidas manualmente e contrastam com as produções muito mais regulares de dobradiças em T fabricadas nos séculos XIX e XX, que têm geralmente um topo redondo simples.

Eram usadas dobradiças mais pequenas nas portas interiores e nas portas de armários. A mais decorativa é a dobradiça "cabeça de galo" ³, usada no período Isabelino e na primeira metade do século XVII. Aparece uma forma mais simplificada numa casa do Surrey de 1656, e algumas evidências sugerem que este tipo voltou à moda numa forma simplificada a partir do século XVIII. As dobradiças em H ⁴ são vulgares nos finais do século XVII e no século XVIII; os exemplares do século XVII têm, geralmente, topos decorativos; as mais recentes são, geralmente, simples. Uma sua variante é a muito vulgar dobradiça em L ou a dobradiça em HL, usada nas portas interiores nos finais do século XVII e no século XVIII. A maioria

² N.T. – "*Strap hinges*" no original.

Ver imagem em <http://www.exteriorshutter.com/straphinge.htm>

³ N.T. – "*Cockshead hinge*" no original.

Ver imagem em http://www.exeter.gov.uk/timetrail/generic/object_detail.asp?photoref=10_114

⁴ N.T. – Ver imagem em <http://www.leevalley.com/hardware/page.aspx?c=2&p=46552&cat=3,41241>

tem os topos simples, mas algumas têm topos trabalhados. As dobradiças de borboleta ⁵ são bastante vulgares nos armários pequenos, especialmente a partir de cerca de 1670, até ao século XVIII, mas algumas podem ser mais antigas. Ocasionalmente, quer as dobradiças dos armários quer as grandes dobradiças das portas combinam uma dobradiça de leme com uma chapa de base que é parecida com metade de uma dobradiça de borboleta.

BATENTES, FECHOS DE CORRER e ESPELHOS DE CHAVE

Outros tipos de ferragens para portas são os batentes ⁶, os fechos de correr ⁷ e os espelhos de chave ⁸. Os batentes das portas podem ser semelhantes às aldrabas, mas são frequentemente mais redondos e estão geralmente colocados de forma a baterem sobre uma dobradiça de leme ou sobre um dos pregos de ferro que mantêm unidas as pranchas da porta. Existem também diversos tipos de batentes compridos, alguns com espelho decorativo.

Os espelhos de chave podem ser muito elaborados ou terem apenas uma forma losangular simples; os exemplos do século XVIII são, geralmente, mais pequenos e mais simples, sendo os das portas interiores, frequentemente, em latão. As fechaduras estão, normalmente, encerradas num alojamento simples em madeira.

Os fechos de correr sobrevivem desde o século XVI, se não desde mais cedo, e podem ter secções rectangulares ou redondas. Os mais recentes têm, frequentemente, uma cruz de Santo André num ou nos dois tipos. Usam-se barras, argolas e botões para se actuarem os fechos de correr, e alguns têm mecanismos elaborados para garantirem que não são forçados pelo exterior. O fecho aloja-se numa aspa ⁹ em ferro fixada na moldura da porta. Quando a porta é substituída, a aspa sobrevivente parece-nos, geralmente, desmesuradamente grande, já que as portas deste período trabalhavam sobrepostas aos aros e não dentro do vão deste; a aspa tinha, portanto, que abranger a espessura da porta mais a grossura do fecho.

Os fechos mais antigos eram pregados nas portas por aspas individuais, com secção quadrada ou achatada. A partir do século XVIII, os fechos têm, vulgarmente, uma chapa de fixação com aspas integradas e peças de guiamento. Estes fechos evoluíram para os tipos normalizados dos artigos de produção em massa do século XIX e do século XX.

⁵ N.T. – “*Butterfly hinge*” no original.

Ver imagem em <http://www.thingsworthhaving.com/wood/tools/288.html>

⁶ N.T. – “*Knocker*” no original.

Ver imagem em <http://www.antiquehardware.com/subcategory/37>

⁷ N.T. – “*Bolt*” no original.

Ver imagem em

<http://www.antiquehardware.com/search.php?PHPSESSID=b1937f56e9c0b0b4741d2fa81cd9a8ce&q=bolt&submit.x=26&submit.y=11>

⁸ N.T. – “*Keyplates*” no original.

Ver imagem em <http://www.sziferon.ro/products/03.htm>

⁹ N.T. – “*Hasp*” no original.

Ver imagem em <http://www.eddonaldson.com/bolt4.htm>

REPRODUÇÕES

Todas as ferragens de portas e de janelas, se forem genuinamente antigas, vão mostrar desgaste e irregularidades; o ferro está, frequentemente, bastante fino e os pregos são geralmente discretos. As ferragens Vitorianas e as mais recentes, em comparação, tendem para terem um ferro mais espesso, fixações proeminentes (frequentemente parafusos, mas por vezes pregos "feitos à mão" fingidos que são demasiadamente regulares), e uma decoração mais elaborada. São particularmente deploráveis as reproduções modernas de dobradiças e de trincos em ferro que têm uma superfície falsamente irregular que é suposta parecer-se com um envelhecimento genuíno.

Isto não é verdade com as ferragens *Arts and Crafts*; elas têm uma aparência genuinamente artesanal, mas usam, frequentemente, diversos tipos diferentes de decoração num único artigo, enquanto que os originais usavam apenas um ou dois. Alguns dos seus artigos parecem-se com o que seriam os do século XVII em novos; o seu desenho está correcto, mas falta-lhes, simplesmente, o envelhecimento.

Actualmente, onde forem necessárias novas ferragens a condizer com os originais sobreviventes, é, geralmente, aceite que a abordagem *Arts and Crafts* respeita o carácter destes edifícios vernáculos. Podem ser usadas as técnicas de desenho e de manufactura originais, mas não deve ser feita nenhuma tentativa para se imitar artificialmente a patina da idade, não só porque os acabamentos falsos confundem a história do edifício, mas também porque um falso de má qualidade põe em dúvida a autenticidade dos próprios originais.

Ter em atenção que os desenhos podem variar entre uma ferragem e outra; pode ser errado replicar-se um único desenho por toda a casa. As igrejas retêm, frequentemente, muitas das ferragens antigas que são semelhantes, e por vezes idênticas, às que foram usadas nas casas locais. Os artigos mais recentes estão, frequentemente, datados, pelo que podem ser uma boa fonte de referência para materiais do século XVII e XVIII.

LEITURAS RECOMENDADAS

- Ayres, James; *The Home in Britain; Decoration, Design and Construction of Vernacular Interiors, 1500-1850*. Faber and Faber, 1981
- Calloway, Stephen (Editor); *The Elements of Style; an encyclopedia of domestic details*. Mitchell Beazley, 1991
- Hall, Linda; *Fixtures and Fittings in Dated Houses 1567-1763*. CBA, 1994
- Jekyll, Gertrude and Jones, Sydney R; *Old English Household Life*. Batsford, 1939, rev 1944-45
- Lander, Hugh; *House and Cottage Interiors: The Do's and Don't's*. Acanthus Books, 1982
- Lloyd, Nathaniel; *History of the English House*. 1931, reimpressão por The Architectural Press, 1975
- Martin, David and Barbara; *Domestic Building in the Eastern High Weald 1300-1750. Part 2: Windows and Doorways*. Hastings Area Archaeological Papers, 1991

AUTOR

LINDA HALL estudou arqueologia e história na Southampton University, e a seguir estudou a arquitectura vernácula do sul do Gloucestershire. Ela é membro do *Vernacular Architecture Group*, do *Institute of Field Archaeologists*, e foi Secretário Honorário do *CBA Historic Buildings Committee 1988-93*. Publicou trabalhos entre os quais que se incluem '*Rural Houses of North Avon and South Gloucestershire 1400-1720* (*Bristol Museum*, 1983) e '*Fixtures and Fittings in Dated Houses 1567-1763* (*CBA*, 1994). Ela dá palestras na *National Association of Decorative and Fine Arts Societies* e em outras organizações, e é investigadora independente sobre edifícios vernáculos.